Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, ano XII, janeiro-março/1942, pp. 5-14

O Brasil e a Companhia de Jesús

(CONFERÊNCIA)

Darcy Azambuja

Por certo nenhuma outra nação terá, mais do que o Brasil — e talvez nenhuma tanto, quanto o Brasil — o dever de celebrar o quarto centenário da Companhia de Jesús. O Brasil nasceu com ela, antecedendo-a de apenas quarenta anos, e lhe coube logo receber as primícias da sua obra de catequese e educação, a primeira prédica dos seus primeiros missionários, o sacrifício dos seus primeiros mártires.

Ainda frementes da modelação espiritual, feita pelo próprio Inácio de Loyola, inflamados na incoercível energia que o grande santo, sabia comunicar aos seus discípulos, os Jesuítas desembarcaram na América para conquistá-la. Para conquistar a terra, contra as feras e as florestas, e amansá-la e fecundá-la com a fartura nas searas, com o trabalho e a segurança nas fazendas, o refúgio e a esperança nas capelas, e confôrto e a prosperidade nas povoações; para conquistar o homem à bruteza e à idolatria, e abrir-lhe nas almas tôscas as clareiras da fé, com as palavras da luz e da vida na suave mensagem do Redentor.

Ano a ano, das caravelas dos governadores e das naus dos vice-reis, êles desembarcavam, cada vez mais numerosos e mais decididos, para preencher as falhas que as doenças e o martírio abriam nas fileiras dos soldados da cruz; palmo a palmo a sua conquista avançava contra a vastidão da terra, no rasto das *entradas*, redimindo e convertendo os índios cativos; sozinhos e inermes furavam as brenhas, precipitavam-se no côncavo das igaras em procura das tabas selvagens, e já nas praias do oceano se erguiam, sôbre os outeiros risonhos, as primeiras obras da sua ação civilizadora: a capela e a escola.

Batizar e ensinar, foram as duas modalidades da ingente batalha que tão poucos soldados da fé levaram travada contra a gente selvagem, perdida na vastidão inexpugnada da terra, e até contra os cristãos, que, na passagem do equador, deixavam para lá dessa

linha ideal que separava o mundo civilizado do mundo bárbaro, as virtudes que lhes deviam ter infundido na alma mil e quinhentos anos de prédica evangélica.

Em verdade, a luta fôra o signo que desde o comêço assinalara o nascimento da Sociedade de Jesús!

Quando Inácio de Loyola reuniu os seus primeiros discípulos, havia poucos anos que Lutero arremeçara um tinteiro à cabeça do diabo, com quem costumava discutir teologia nos vastos salões do castelo de Wartburgo. As consequências dêsses colóquios hereges e danados lavravam já nos terríveis incêndios da Reforma por tôda a Europa. A Companhia de Jesús nascia combatendo. Os seus pregadores e doutores, pelas catedrais e pelas Universidades, atacaram de frente o cisma colossal, e dentro dos próprios concílios, no seio mesmo da Igreja romana, os teólogos jesuítas sobressaíam em tôdas as discussões doutrinárias, numa obra de exegese e de divulgação que constitue sem dúvida o maior e o mais grandioso movimento filosófico dos séculos XVI e XVII. A "polêmica da graça" e a questão do livre arbítrio nasceram aí. À sombria doutrina da predestinação, com que Calvino pretendia transformar o mundo numa tumultuosa antessala do inferno, onde predestinados e condenados, sem esperança e convencidos da inutilidade da fé, errariam embrutecidos, os jesuítas opunham a própria palavra de Cristo, feita de misericórdia e de perdão.

No seu combate à reforma, os jesuítas realizavam uma dupla tarefa. A primeira era a de mostrar os erros da teologia protestante; a segunda era a de demonstrar que as teorias científicas, propagadas como uma conquista da religião reformada, não somente nao se opunham aos dogmas católicos, mas também que estes eram um estímulo às investigações filosóficas e um abrigo seguro contra os desvarios da imaginação. Foram os primeiros a compreender que o mundo se transformara e que a igreja católica não podia ceder o passo às novas seitas na educação e orientação do povo e das classes ilustradas.

E assim, enquanto defundiam os princípios essenciais e eternos da religião de Cristo, humanizavam e atualizavam as interpretações, dizendo em palavras modernas as verdades antigas, corrigindo os abusos do fanatismo e desmascarando as pretensões da ignorância. A sua ação estendeu-se a todos os ramos da atividade humana; não foi apenas nos púlpitos e nos confessionários que êles exerceram os misteres para os quais a ordem fôra organizada, não foi somente à teologia e à filosofia que êles trouxeram a contribuição de uma incansável atividade. A física, a química, a astronomia, a mecânica, a literatura, a pintura e as artes em geral, inclusive o teatro, foram campos em que os jesuítas disputavam palmo a palmo a primazia aos leigos, quer por trabalhos originais de membros da pró-

pria Companhia, quer protegendo sábios e artistas e divulgando-lhes as obras. Leibniz e Miguel Ângelo, Rubens e Van Dick foram amigos íntimos e dedicados dos jesuítas, e nenhuma obra científica, filosófica ou artística deixava de receber dêles o comentário devido, sem nenhum laivo de fanatismo, e antes com uma largueza de vista, uma simpatia e tolerância, que somente encontrava limites nos dogmas da sua religião.

Era natural, portanto, que a sua influência social crescesse e que o seu prestígio aumentasse. Dentro de dois séculos, era sem dúvida a mais poderosa das ordens religiosas. E era natural também que êsse prestígio e essa influência encontrassem adversários e invejosos. Uma tremenda campanha, surda ou ostensiva, levantou se contra os jesuítas, cujos episódios mais célebres são de tôdos conhecidos.

Mas, não seria aquí o momento, nem me socorreriam recursos bastantes, para descrever, mesmo em síntese apressada, a vida da Companhia de Jesús.

Basta-nos, para esta comemoração, uma rápida vista de conjunto sôbre a sua ação no Brasil. Por muito rápido e apressado que seja êste exame, e há de sê-lo por fôrça, colheremos motivos de sobra para justificar as expressivas comemorações com que tôda a nação assinala o seu quarto centenário.

O Brasil colônia recebeu a influência de dois poderes organizados; um temporal, político, administrativo e militar, a Coroa portuguesa; o outro espiritual, desarmado e sem mando, a Companhia de Jesús. A influência de ambos foi profunda, diferente uma da outra e muitas vezes em contradição. A Corôa descobriu, povoou e explorou; a Companhia de Jesús cristianizou, educou e civilizou. A cupidez pelas riquezas da terra, a crueldade para com seus habitantes, o descaso em relação aos destinos do país, recém descoberto, assinalaram quasi constantemente a orientação dos administradores da metrópole; o desapêgo aos interêsses materiais, a caridade heróica na catequese, o incansável desejo de aperfeiçoar e engrandecer o povo e a terra, foram os ideais invariáveis dos missionários jesuítas. De certo momento em diante, sobretudo no govêrno do marquês de Pombal, o govêrno português não tem outra preocupação além da de extorquir as riquezas naturais e oprimir até o último extremo o desenvolvimento da colônia para evitar que se emancipasse; os jesuítas, com deslealdade com a metrópole portuguesa, não esqueceram um momento que o Brasil devia ser uma nação.

A catequese jesuítica no Brasil foi uma epopéia, e a mais viva imaginação de um homem de agora mal poderá aflorar a imensidade dos seus sacrifícios, os prodígios da sua energia, a soma inacreditável dos seus pequenos heroísmos e da sua inestinguível abne-

gação. Se refletirmos que ainda hoje o nosso território contém regiões inacessíveis, umas povoadas por selvagens rebeldes a todo o contacto com os brancos, outras por serem imensas estufas tropicais, onde residem os miasmas das mais terríveis doenças, podemos ter uma noção aproximada do que seria o Brasil de 1550 a 1650, que foi o século das "bandeiras cristãs de conversão e civilização dos indígenas".

À selvageria natural de muitas tribus, juntava-se já o ódio de quasi tôdas as que povoavam o litoral, pelos maus tratos e as perfídias dos primeiros colonos; à extensão desconhecida da terra, coberta de florestas impenetráveis e de rios caudalosos, acrescia a falta absoluta de quaisquer meios de transportes. A pé sem roteiro, sem armas, sem auxílio de espécie alguma, os missionários entravam pelas matas, cruzavam os campos, venciam as serras e vadeavam os rios. Ninguém melhor do que um dêsses desbravadores legendários poderia descrever, no estilo do tempo, a vida assombrosa que levavam. Eis o trecho escrito pelo maior dêles, pelo grande Anchieta, o Apóstolo do Brasil, em uma carta de 1584:

"Os perigos e trabalhos que nisto se passam, pela diversidade dos lugares a que se acodem, se podem conjeturar. Perigos de cobras, de que há grandíssima cópia nesta terra, de diversas espécies, que ordinariamente matam com a sua peçonha, de que frequentíssimamente quasi por milagre são livrados e alguns mordidos sem perigar; — perigos de onças e tigres, que também são muitos, pelos desertos e matas por onde é necessário caminhar; — perigos de inimigos de que algumas vezes por Providência Divina tem escapado; tormentas por mar e naufrágios, passagem de rios caudalosos, tudo isto é comum; calmarias por vezes excessivas que parece chegar o homem a ponto de morrer, de que vem a passar gravíssimas enfermidades; — frio, principalmente na capitania de S. Vicente, no campo, onde já por vezes se acharam índios mortos de frio; e, assim acontecia muitas vezes, ao menos no princípio, a maior parte das noites não se podendo dormir de frio nas matas, por falta de roupa e de fogo, por que nem calças nem sapatos havia, e assim andavam as pernas queimadas das geadas e chuvas muitas e mui grossas e contínuas; e com isto grandes enchentes de rios e muitas vezes se passam águas muito frias, por longo espaço pela cintura e às vezes pelos peitos; e todo o dia com chuvas muito grossa e fria, gastando depois grande parte da noite em enxugar a roupa ao fogo, sem haver outra para mudar. E contudo nada disto se estima; e muitas vezes, para acudir e batizar ou confessar um escravo de Português, se andam seis e sete léguas a pé, e às vezes sem comer...

Não há descansar, e nisto se gasta cá a vida dos nossos, com que se tem ganhado no Brasil muitas almas ao Senhor."

Eis, na linguagem tocante e singela de Anchieta o breve resumo

de um martírio quotidiano, não apenas sofrido por todos, mas buscado por todos incessantemente durante mais de um século, e aceito com alegria e ofertado a Jesús pela salvação de algumas almas de índios brutos e desamorosos, quasi sempre cruéis e desagradecidos. Quantas vezes, após semanas e meses dêsses perigos por terra e tormentos por mar, atingida a taba dos selvagens, eram os missionários escorraçados violentamente e, se escapavam com vida, desandavam o seu calvário, percorrendo as mesmas regiões imensas e hostís, perseguidos pelas frechas dos índios, tocaiados pelas onças, picados pelas serpentes, quasi nus, famintos, doentes, doentes de corpo e de espírito, por não terem conseguido ganhar uma só alma para o Senhor.

Não desanimavam, porém, nunca esmoreceram. Alguns breves dias de repouso, longas horas de exercícios espirituais, de preces e penitências e lá investiam de novo contra o inferno verde para abraçar os que os repeliam, para salvar os que os martirizavam, para dar a vida aos que os matavam.

Não se podem ler as crônicas daqueles tempos duros e desconhecidos sem um arrepio de pavor e de admiração pelo heroísmo dêsses homens singulares, humildes e gigantescos, fracos e irresistíveis, que viviam morrendo, e morriam confessando e batizando; que repetiam obscuramente cada dia e cada hora o apostolado de S. Paulo, o martírio de S. Pedro e o exemplo de Jesús. Dir-se-ia que foi a própria mão de Deus que destacara para a evangelização do Brasil criaturas excelsas, de uma fé incoercível e de uma energia fulgurante, figuras de santos e de apóstolos da estatura de um Nóbrega, de um Anchieta, de um João de Almeida, de escritores sábios e oradores como Simão de Vasconcelos, Alexandre de Gusmão e Antônio Vieira. Êsses nomes, mais conhecidos e afamados, são apenas o expoente de inúmeros outros que se lhes equiparam nas obras, na inteligência, no sacrifício e na abnegação.

Não obstante a magnitude da catequese dos jesuítas entre nós, quem se ativesse apenas a êsse aspecto, religioso e por assim dizer profissional, não somente faria uma idéia unilateral e incompleta da sua ação, como também não conpreenderia a evolução histórica do Brasil, desde o descobrimento até à independência.

Outro aspecto de sua obra, neste sentido ainda mais vasta, e mais duradoura, e de eficácia social incomparavelmente mais profunda, assegurou à Companhia de Jesús um papel decisivo na formação moral e intelectual da nacionalidade brasileira.

Durante mais de duzentos anos o Brasil colônia sofreu um regime de opressão econômica e social que não encontra similar na história do que é possível fazer pelo embrutecimento e o atraso de um povo. As grosseiras indústrias que a custo surgiram na terra, foram arrasadas pelos decretos portugueses e proibido terminante-

men e o estabelecimento de qualquer outra; ainda no tempo dos últimos vice-reis nenhum tecido podia ser feito no Brasil e até o uso das roupas interiores era regulado pela pragmática, sendo pormenorizadamente prescrito o que podiam usar os nobres, os burgueses e os escravos. Em 1747 foi fundada no Rio a primeira tipografia, mas, no mesmo ano era fechada por ordem da Côrte, o material confiscado e remetido para além mar e vedado o funcionamento de qualquer oficina de impressão. Nenhum livro podia ser vendido sem autorização expressa da Mesa de Conciência e Ordens de Lisboa, e é fácil imaginar a odisséia de um requerimento de licença, enviado do Rio para Lisboa, pleiteando qualquer favor semelhante.

Data de 1772 a criação das primeiras aulas públicas no Brasil. Até então, todo o ensino no Brasil foi feito pelos jesuítas. Os desvelos, os sacrifícios, a energia que empregaram para ensinar os brasileiros, só encontra similar no heroísmo dispendido para catequisar os *brasís,* como eram chamados então os nossos índios. Nas missões que aquí empreenderam, nas *residências,* nas *visitas* que fundavam, não raro a escola antecedia à própria capela, e esta foi sempre o recinto em que se cultuava Deus e se cultivavam os espíritos. Onde chegava a cruz, chegavam, não os livros que não havia ainda ou eram proibidos, mas os manuscritos, elaborados pelos próprios padres, as *cartas de a, b, c,* em que o filho do índio e o filho do colono aprendiam a ler, às *tábuas,* onde se exercitavam nas *contas.* As capelas de rezar vizinhavam com as *aulas de ler e contar,* as mesmas vozes guturais de tamóios e guaranís que de manhã entoavam o *de Angelis,* à tarde soletravam as cartilhas. E não era apenas aos catecúmenos que ministravam as primeiras letras, mas também aos filhos dos colonos, e não eram somente estes os seus discípulos nem se resumia o seu magistério à simples alfabetização. Nas povoações mais importantes, funcionavam cursos médios, com a gramática, humanidades, retórica e a geografia; e até o curso superior, com as ciências naturais, a filosofia e a teologia, os jesuítas organizavam, sendo mesmo um dos agravos do marquês de Pombal contra êles a pretensa preocupação que mostravam pelo ensino de matérias mais elevadas.

Em um país, descoberto em 1500, emancipado em 1822, e onde durante dois séculos o ensino primário, secundário e superior foi exclusivamente ministrado por jesuítas, nunca se encarecerá demasiado o que a êles deve a nação que se formou mentalmente sob o seu desvelado carinho; e se acrescentamos ao adverbio "exclusivamente" um outro por igual verdadeiro, que é "gratuitamente", não poderemos deixar de confessar que o poder espiritual entre nós exerceu, na elaboração da nossa nacionalidade, uma função pelo

menos tão importante quanto o poder temporal e político da metrópole portuguesa.

Por isso mesmo, a expulsão dos Jesuítas constituiu para o Brasil um tremendo golpe. Ficávamos de súbito privados não apenas dos catequisadores e pacificadores dos índios, mas de todos os mestres, de tôdas as escolas, de todos os seminários, de tôdas as incipientes Faculdades. Com razão um escritor brasileiro, bem apreciando as consequências advindas ao Brasil e a Portugal, classificou êsse acontecimento "um novo Alcacer-Quibir", e outro escritor o denominou "um segundo terremoto de Lisboa".

Até hoje não estão bem elucidadas as causas que levaram o retrógado e cruel ministro de D. José, o marquês de Pombal, a essa estúpida perseguição. O que se tem dito, aquem e além mar, para elucidá-las, os motivos que se têm apontado, não convencem, a menos que na alma sombria de Pombal existiam ressonâncias específicas, que lhes desse a amplitude, o poder, a tenacidade encanzinada que caracterizou a perseguição.

Esta, no Brasil, começou sob signos adversos. O terror e o perjúrio assinalaram os seus pródromos, como se a Providência quisesse admitir a todos que onde aquele mau conselheiro e êste crime aparecem, não há de cogitar que opere a vontade divina, senão as artimanhas usuais dos poderes das trevas.

Em agôsto de 1758 aportavam à Baía os três magistrados, investidos pelo marquês de Pombal na deshonrosa e ruim tarefa de prender os jesuítas, sequestrar-lhes os bens e expulsá-los do Brasil. Eram êsses três beleguins Antônio Azevedo Coutinho, José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho Melo e Manuel Estêvão Vasconcelos Barbarim. A nau que os trouxera sofrera em alto mar uma tremenda tempestade. Entre o oceano cavado em abismos que ameaçavam traga-los, em montanhas que pareciam espatifar a embarcação, e o céu todo negro, de onde choviam raios e rebentavam trovões, os três encarregados de sujos negócios, aterrorizados, caíam de joelhos e fizeram voto a Santo Inácio de Loyola de que, no desempenho da ordenança em que vinham nenhuma injustiça praticariam contra os jesuítas, promessa solente a que tôda a tripulação assistiu.

A borrasca passou, a nau sulcava por mares bonançosos e, com a tranquilidade, parece que na alma dos três magistrados pombalinos os conselhos da aleivosia começaram a achar grande demais o compromisso para um perigo já passado. A terra não estava longe, o marquês não era homem de tolerar complacências na execução de suas ordens. Talvez já a sinistra trindade, acreditando-se a salvo, planejasse o perjúrio.

Mas, o pânico acossou-os novamente. Uma calmaria podre imobilizou a nau. Dias e dias, sôbre o mar leitoso e quieto, debaixo de um sol comburente, as velas caídas ao longo dos mastros, o navio

derivou ao sabor das lentas correntes oceânicas, sem um sôpro de vento que lhe permitisse reaviar para o destino. A fome e a sêde, ainda piores que a morte, ameaçavam a tripulação e os passageiros. Mais alguns dias de calmaria, e já não haveria água nem alimentos a bordo. Outra vez, na coberta da nau, os três pusilânimes e refalsados beatos preitaram a misericórdia de Santo Inácio de Loyola, renovando o voto anterior, ratificando a promessa que mentalmente já haviam quebrado.

O vento repontou de quadrante favorável e a nau aportou à Baía. Aí, dos três apenas um, José Mascarenhas, cumpriu o voto feito em peripécias tão trágicas, preferindo sofrer o ódio implacável do marquês de Pombal a deshonrar a justiça e faltar aos sentimentos cristãos na cega e odiosa trituração legal dos jesuítas do Brasil. Os outros dois, desaçamados agora do mêdo, levaram por diante a empreitada que lhes outorgara o marquês de Pombal, com uma fúria, uma desfaçatez e uma crueldade inauditas. Presos e cercados, os jesuítas tiveram ainda de sofrer a tortuosa perfídia dos delegados reais, que usaram de tôdas as traças, desde a intimidação ao subôrno, para afastar da Companhia os noviços e conseguir apostasias dos professos. Nada obtiveram, além de algumas declarações, obtidas por fraude a alguns noviços, que, mal se encontraram em liberdade, tornaram a se apresentar aos dois magistrados, retratando-se e oferecendo-se a quaisquer castigos.

Confiscados os bens da Companhia, com que o ministro de D. José prelibava o enrequecimento do erário real, a alçada pombalina apurou a irrisória quantia de mil e duzentos escudos. E' verdade que saíram, do Colégio da Baía para o convento dos franciscanos, quatro arcas abarrotadas de ouro, mas era dinheiro da Coroa portuguesa que, a falta de bancos era a primeira a reconhecer a honradez dos jesuítas para cuidar dos haveres públicos.

Nas demais cidades, como Recife, Paraíba, Fortaleza, Rio, as cenas foram semelhantes e afinal, lançados nos porões imundos dos navios, foram os jesuítas enviados para Lisboa. Nem todos os capitães dessas naus sinistras foram verdugos, mas um pelo menos houve cujos maus tratos causaram a morte, em pleno oceano, de alguns dos míseros prisioneiros e, se maiores atrocidades não cometeu, foi porque a própria marinhagem ameaçou revoltar-se ante a selvageria que empregava.

Com a expulsão dos jesuítas ficava interrompida a sua missão no Brasil. Interrompida, sim; porém não perdida. A obra imensa e maravilhosa daquela falange de santos e civilizadores permanecia e avultava. Nações selvagens pacificadas e convertidas, povoações fundadas e prósperas, escolas, colégios e academias por êles criadas e transitoriamente, na sua ausência, dirigidas por outras ordens religiosas; as línguas indígenas conhecidas, divulgadas e disciplinadas

em gramáticas, o catecismo e diversas doutrinas cristãs traduzidas para elas, facilitando assim a tarefa dos futuros catequisadores — foram alguns dos frutos principais da sua presença no Brasil.

E essa obra, longe de esmorecer ou apagar-se, cresce e valoriza-se com o tempo. Os brasileiros de hoje, como cidadãos, como historiadores, como cientistas, podemos aprender com êsses pioneiros infáveis da palavra de Jesús, a amar, a defender e a conhecer o Brasil. A sua vida de catequese nos reconcilia com a bruteza dos colonizadores; os seus atos de heroísmo nos orgulham, quando defendiam o Rio de Janeiro contra os franceses e os índios, a Baía contra os holandeses, e todo o Brasil contra as fôrças selvagens que o ameaçavam na sua integridade e no seu progresso; os seus passos, marcados com sangue na selva e no sertão, fizeram nascer alí as primeiras povoações, unindo num abraço imenso duas épocas e dois mundos, duas raças e duas civilizaçães; os seus relatórios, as suas cartas, as suas crônicas são o mais completo arquivo de que dispõem hoje os estudiosos para conhecer a terra, na sua geologia, na sua flora e na sua fauna, e para conhecer os costumes dos caracteres, a organização social e política dos ameríndios.

Podemos aproveitar ainda hoje os frutos dessas vidas dedicadas ao bem e á ciência, mas, o que não podemos, homens de agora, é avaliar os seus sacrifícios. Não eram somente os perigos físicos, de que Anchieta nos deixou uma descrição exata; eram os perigos morais que os martírios e as tentações padecidas na solidão armou o espírito do homem. Por que, afinal, aqueles gigantes eram homens, semelhantes a nós nas fraquezas e nas contingências da condição humana, e só dissemelhantes de nós na energia inecercível com que lutavam contra elas. Isolados longos meses entre os índios de costumes sexuais inteiramente livres, de uma ferocidade, astúcia e doblez às vezes inacreditáveis, tentados, feridos, doentes, martirizados, nenhum dêles cedem jamais; no entanto, é possível imaginar os dramas interiores dessas criaturas excelsas, as lutas que travaram e venceram, sem outro escudo que a fé, muitas vezes sem o conselho e assistência de nenhum superior, longe do mundo, num mundo estranho, perverso e infernal.

Nenhum cedeu, e nem todos, entretanto, eram da estatura moral de Anchieta. Êste é um pico vertiginoso e singular no sistema ciclópico dos evangelizadores, coberto pela pureza da neve para os vícios do mundo, aureolado de radiosas auroras para a vida do espírito, abrigando no íntimo do ser labaredas inextinguíveis de amor, de caridade e de abnegação. Êste foi só, inatingível, inimitável, imensamente longe dos homens pela perfeição, bem perto dêles pelo amor. Santo Anchieta, chamaram-lhe os contemporâneos; *pobre e inútil José* assinava êle nas missivas. Santo da inteligência, gênio do coração, escrevia poemas suaves à Virgem nas areias da

praia e as ondas do oceano, ansiosas e frementes, suspendiam no arremêço, detinham-se no ar, para que êle pudesse decorar seis mil versos antes que elas os apagassem num soluço de espumas ante o sacrilégio que iam cometer; abraçava ternamente o selvagem que ia já esmigalhar-lhe a cabeça com o tacape ou trespassar-lhe o coração com a flecha, e à sua voz tranquila e sonora as tabas emudeciam os cantos guerreiros e vinham chorar de alegria ajoelhados aos seus pés depois da doce prédica que êle lhes fazia na própria língua dos filhos de Tupã. Êsse foi só, "cavaleiro de mistica aventura, herói cristão", passava ao lado das onças sem se apressar, as cascavéis e as sucurís afastavam-se para não perturbá-lo, os pássaros calavam o seu canto quando ajoelhava para rezar, e nos largos rios, nos dias de calor causticante, as garças e colhereiros vinham fazer sôbre a sua igara um docel branco e rosa para protegê-lo do sol. Bem disse dêle o grande poeta:

Semeador de esperanças e quimeras
Bandeirante de entradas mais suaves,
Nos espinhos a carne dilaceras:
E, porque as almas e os sertões desbraves,
Cantas: Orfeu humanizando as feras,
São Francisco de Assis pregando às aves..."

Mas, sendo tão grande, Anchieta é um símbolo, é o símbolo daquela fôrça organizada para defender e propagar a doutrina de Cristo, para servir a Deus no mundo. A sua vida prodigiosa é um versículo do evangelho da vontade ideado pelo santo de Loyola para atingir à perfeição. Sendo tão só e singular na sua grandeza, Anchieta é um naquela estirpe de heróis e de santos que evangelizaram a América. Nele, tão grande e tão puro, tão singular e tão bom, veneramos a todos os seus irmãos por quanto amaram e serviram o Brasil.